

## O FLAGELO HUMANO DAS SECAS\* (Visão literária)

Ir. Elvo Clemente  
Professor da PUCRS

Não se pode abrir a Bíblia sem encontrar a palavra água. Esse fato mostra a importância do elemento líquido na terra do povo de Israel, após ter enfrentado inundações e a consciência do dilúvio estar tão viva através das gerações. Água, manancial de vida, parte essencial da vida, que dá nova vida no rito lustral do Batismo.

O salmo canta a verdadeira felicidade, compara o homem reto e temente a Deus à "árvore plantada à beira das águas, que em tempo próprio, dá o seu fruto, e cujas folhas não murcham" (Sl 1, 3).

Na passagem pelo deserto, a água tem um valor vital para o povo sedento: as águas de Mara se tornam milagrosamente doces para salvar aqueles retirantes (Ex 15, 23 - 25).

Moisés, sob ameaça de revolta do povo, roga a Deus para mitigar a sede ardente daquela gente e dos animais. "E então Moisés clamou ao Senhor: 'Que farei a este povo?' E Deus ordenou que golpeasse a rocha do Horeb. E assim Moisés fez e de lá jorraram abundantes e frescas águas (Ex. 17, 4-7).

As vicissitudes e as alegrias de um povo se desenrolam junto das águas. Quando as águas faltam, a vida diminui, fenece e morre. Como o dilúvio marcou a narrativa do Gênesis, a grande seca profetizada por Elias tesbita marcou a era dos Reis de Israel. A seca desencadeada por ordem de Elias tinha por finalidade mostrar

---

\* Texto apresentado no Ciclo de palestras comemorativo aos 50 anos de *Vidas Secas*, na Secretaria de Desportos e Turismo, Universidade Federal de Alagoas.

ao povo a força do monoteísmo, do único Deus verdadeiro, contra o paganismo devastador, marcado pelo culto de Baal. O historiador Menandro de Éfeso narra também o acontecimento de uma seca obstinada durante o reinado de Itobaal em Tiro. Quer dizer que, por três anos e meio, a seca assolou toda aquela região do Oriente Médio, em que morreram milhares de pessoas, animais, vegetação e tudo o que tinha vida. A fome tornava-se assustadora, gerando toda a sorte de desolação e misérias. A oração do profeta, no cume do monte Carmelo, trouxe à terra a benfazeja água que tudo revivesceu e que tudo alegrou (IRs 17 e 18).

O flagelo da seca, desde tempos imemoriais, está presente e vivo na lembrança dos povos, nas lágrimas e sangue dos retirantes.

Bem perto dos nossos dias, assistimos, pelos meios de comunicação social, as terríveis devastações e dizimações de povoados e cidades na Nigéria, na dolorida e angustiada Biafra, com as suas chagas abertas e ressequidas aos sóis caniculares das estiagens sem fim.

Ainda agora, secas horrorosas assolam várias e imensas regiões do continente africano. Erguem-se ao céu e aos povos as bocas famintas, os braços descarnados e os rostos desfigurados. E o mundo assiste quase impassível a tanto horror e tanta miséria e fome assassina... Mandam-se aviões com víveres... Vão alguns grupos de voluntários para assistir aos necessitados in extremis, para dar-lhes um pequeno alívio, mas o flagelo continua persistente e devastador... Todo o esforço dos socorros é uma gota d'água naquele mar oceano de miséria e terror. Disso tudo resulta "uma questão terrível", no dizer de Roberto Campos. (O Estado de São Paulo, 23/10/88, p.2), poderão esses povos achar a sua sobrevida, poderão achar onde amparar-se para não perecer? Perguntava-se Leon Tolstói: "Poderá a Rússia alimentar-se a si mesma?" A frustração agrícola ocasionada por fatores climáticos de seca e de intempéries não permitiam a subsistência daquelas multidões. Houve a malfadada fome do Volga, quando morreram 1,5 milhão de pessoas. Sob o domínio de Stalin morreram cerca de 5 milhões de pessoas na Grande Fome da Ucrânia 1931/1932... Se olharmos para os lados do Extremo Oriente: Vietnam, Bangladesh, veremos os mesmos quadros de horror, onde milhões de pessoas morrem de fome por causa da seca ou das intempéries. Sempre o flagelo da seca e

de sua acompanhante inseparável, a fome, como é o caso da Etiópia...

Após esse lançar de olhos sobre o flagelo da seca, sempre constante e presente na história de suor e lágrimas das contínuas migrações, voltemos o olhar sobre o Brasil. E aí estamos diante de outra "questão terrível", a seca no Norte e Nordeste.

O ensaísta Luiz Carlos Baldicero Molion, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, escreve na Revista Ciência Hoje, v. 3, nº 18, maio/junho 1985, p.26 e segs., vasto e bem fundamentado artigo sob o título Secas, que assim começa:

"As secas que atingem periodicamente vastas regiões do Nordeste brasileiro têm sido tema recorrente de nossa literatura, objeto de um sem-número de análises científicas em diversos campos e, em situações agudas como a ocorrida em 1983, fonte de farto noticiário de imprensa. Como todo fenômeno cíclico, sua previsibilidade desafia a imaginação dos homens, pois o cortejo de flagelos que tradicionalmente acompanha estes períodos poderia ser diminuído se dispuséssemos de metodologia capaz de fazer soar o alarma com razoável antecedência. Obras clássicas da nossa literatura registram a presença dessa mesma preocupação entre aqueles que sofrem diretamente o problema. Raquel de Queiroz, por exemplo, descreve em "O Quinze" a decisão de uma proprietária de terras de 'abrir as porteiras do curral' e fazer seu pessoal 'ganhar o mundo' se as chuvas não chegassem até 19 de março, dia de São José. Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o sertanejo Fabiano sonha desgraças 'quando vê o mulungu do bebedouro cobrir-se de arribações, sinal inequívoco de que 'o sertão ia pegar fogo'. Há registros históricos da ocorrência de secas no Nordeste desde os primórdios da colonização."

Se olharmos para os dias em que vivemos, em 1987/1988, assistimos a uma tremenda seca nos Estados Unidos da América do Norte, que dizimou as colheitas e pôs em pânico o fornecimento de grãos para o mundo. Neste mesmo ano, o Sul do País (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) viveu meses de grande frio e de grande seca que comprometeram enormemente as plantações, a criação de gado e a vida das pessoas... Não podemos comparar as estiagens de três ou cinco meses do Sul com a seca do Nordeste, que passa ano após ano em seu vergastar de flagelo implacável... É a terrível questão: que fazer?

A comiseração dos povos se torna viva e atuante: deslocam-se recursos, enviam-se víveres e socorros diversos. É a solidariedade

humana em vista dos flagelos da natureza... Nas páginas da Bíblia eram vistos como a vergasta de Deus...

A literatura, solidária com o homem e suas aventuras e desventuras, está sempre presente nos cataclismos e nos flagelos.

No século XIX, o poeta Abílio Guerra Junqueiro, lá de Portugal, viveu em versos hugoanos a tragédia da seca do Nordeste de 1877, escrevendo o poema "A fome no Ceará", publicado no livro *A Musa em férias (idílios e sátiras)*, Lisboa, 1879. O poeta, em seu poema longo e lancinante, nos comove e angustia, como deve ter angustiado e levado à comiseração os nossos irmãos portugueses daqueles tempos. Por ser uma peça de inigualável beleza e de profundo amor humano a transcrevemos integralmente, da 2ª edição, publicada em 1885, em Lisboa, por David Corazzi, no já citado livro *A Musa em Férias* (p. 167-73).

### A fome no Ceará,

Lançai o olhar em torno;  
Arde a terra abrasada

Debaixo da candente abóbada d'um forno.  
Já não chora sobre ela orvalho a madrugada;  
Secaram-se de todo as lágrimas das fontes;  
E na fulva aridez espérrima dos montes,  
Entre as cintilações narcóticas da luz,  
As árvores antigas  
Levantam para o ar — atlélicas mendigas,  
Fantasmas espectrais, os grandes braços nus.

Na deserta amplidão dos campos luminosos  
Mugem sinistramente os grandes bois sequiosos.  
As aves caem já, sem se suster nas asas.  
E, exaurindo-lhe a força enorme que ele encerra,

O sol aplica à terra  
Um cáustico de brasas.

O incêndio destruidor a galopar com fúria,  
Como um Átila, arrasta a túnica purpúrea  
Nos bosques seculares;  
E, Lacoontes senis, os troncos viridentes  
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes  
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.

O sol bebeu d'um trago as límpidas correntes;  
E os seus leitões sem água e sem hervagens frescas,  
Co'as bordas solitárias,

Têm o aspecto cruel de valas gigantescas  
Onde podem caber muitos milhões de périas.

E entre todo este horror existe um povo exangue,  
Filho do nosso sangue,  
Um povo nosso irmão,

Que nas ânsias da fome, em contorsões hediondas,  
Nos estende através das súplicas das ondas  
Com o último grito a descarnada mão.

E por sobre esta imensa, atroz calamidade,  
Sobre a fome, o extermínio, a viuvez, a orfandade,  
Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor,  
Pairam sinistramente em bandos agoireiros  
Os abutres, que são as covas e os covelros  
Dos que nem terra têm para dormir, Senhor!  
E sabei — monstruoso, horrível pesadelo!  
Sabei que af — meu Deus, confranjo-me ao dizê-lo!  
Vêem-se os mortos nus lambidos pelos cães,  
E os abutres cruéis com as garras de lanças,  
Rasgando, devorando os corpos das crianças  
Nas entranhas das mães!

### II

Quando ainda há pouco o vendaval batia  
Dos grandes montes nos robustos flancos;  
E as nuvens, como enormes ursos brancos,  
Em tropel pela abóbada sombria  
Dos canhões dos titãs, aos solavancos,  
Arrastavam a rouca artilharia;

Quando os rios, indômitos, escuros,  
Iam como ladrões saltando os muros  
Para roubar ao camponês o pão;  
E cruzando-se os raios flamejantes  
Abriam como esplêndidos montantes  
De meio a meio a funda escuridão;

Quando os ventos aspérrimos, frenéticos,  
Como cíclopes doidos, epilépticos,  
Com raivas convulsivas  
Perseguiam, bramindo, às chicotadas,  
Das retumbentes ondas explosivas  
As trôpegas manadas;

Quando entre os gritos roucos da procela,  
A fome — a loba — escancarava a goela

Uivando às nossas portas;  
E andavam sobre as águas desumanas  
Com os despojos tristes das choupanas  
Berços vazios de crianças mortas;

Oh! nesse instante, ao ver o povo exânime,  
Pulsou da pátria o coração unânime,  
Um coração de mãe piedosa e boa...  
E das imensas lágrimas choradas  
Muitíssimas então foram guardadas  
Entre as jóias da c'roa.

Mas é certo também que além dos mares  
Alguém ouviu, alguém, cortando os ares  
Essa terrível dor;  
E esse alguém é que hoje, é que agora  
Morto de fome a soluçar implora  
Mais do que o nosso auxílio — o nosso amor.

Vamos! abri os corações, abri-os!  
Transborda a caridade como os rios  
Transbordaram dos leitos em janeiro!  
Nem pode haver decerto mãe avara  
Que o pão recuse a quem lhe deu a seara,  
Que a esmola negue a quem a deu primeiro.

A miséria é um horrível sorvedouro;  
Vamos! enchei-o com punhados de ouro,  
Mostrando assim aos olhos das nações  
Que é impossível já hoje (isto consola)  
Morrer de fome alguém, pedindo esmola  
Na mesma língua em que a pediu Camões!"

A repercussão da seca de 1877 foi tão forte que comoveu os corações do Brasil e do mundo inteiro.

No Sul, na cidade de Pelotas, Francisco Lobo da Costa, falecido há cem anos, também escreveu um longo poema sobre "A fome nas Províncias do Norte", publicado primeiramente nos jornais de sua terra e depois inserido por Francisco de Paula Pires na coletânea de textos do poeta, sob o nome "Auras do Sul". O poeta sente e vibra compassivo conclamando todos a serem generosos, a abrirem o coração e as mãos para socorrerem os flagelados da seca. Pela raridade e beleza da peça literária, bem diferente do poema de Guerra Junqueiro, quer no ritmo, quer nas imagens tendo a unidade do tema, merece ser transcrito na sua íntegra para ser

apreciado por esta luzida platéia e pelos leitores nordestinos, que já sentiram em seu corpo e em sua alma a dor pungente dos retirantes, dos flagelados pela dureza e insaciável seca em suas crônicas reincidências. Tanta dor, tanto desespero, mas sempre uma luz, uma esperança no meio a tanta escuridão, tanta miséria e tanta desolação.

## A FOME NAS PROVÍNCIAS DO NORTE

(A Quintino Bocaiúva)

Coitados! Que dor tremenda  
Sobre os seus seios baixou!  
Seca a hervagem da fazenda...  
O rio inteiro secou!  
E o esqueleto da agonia  
Vai quebrando, dia a dia,  
Em cada tronco uma flor!  
A fome perpassa irada,  
Roubando a messe dourada  
Dos colmos do lavrador!

Que é das festas languorosas  
Das camponesas gentis?  
Que é dessas facas as rosas?  
Desses lábios o verniz?  
— Múmias geladas do norte,  
Trazem nos seios a morte,  
Um cancro de maldições...  
E, famintas e sedentas,  
Vagam nas plagas poentas,  
Sem gota d'água... sem pão!

Ai! nos desertos vorazes  
Pára a caravana a medo,  
Mas Deus lhe mostra um oásis,  
A rebentar de um rochedo!  
Para os aflitos da terra,  
Deus as pálpebras descerra  
Dos lacrimérios do céu;  
E onde quer que a dor esteja  
A sua bênção troveja,  
Cai maná ao povo hebreu.

Mas, aqui... ó desventura!  
É acerbe a expiação!  
No antro da noite escura  
Só se escuta a maldição...  
Nas serranias fechadas  
Retumbam as gargalhadas  
Das megeras infernais,  
E o jaguar — salta à devesa,  
Mergulhando a enorme presa  
Nos comboios funerais!

A fome! Meu Deus, a fome  
É um espectro cruel!  
Só ao escutar-se-lhe o nome  
Galopa o sangue em trope!  
É ela — a pélida sombra  
Que troca a florida alfombra  
Em horto negro, sem luz;  
E apaga o brilho da sorte,  
Plantando os goivos da morte,  
Pregando os cravos da cruz!

Quereis tremer de surpresa?  
Vinde comigo aos sertões:  
Esta morna natureza  
Vem falar aos corações...  
Outrora aqui, nestas ribas,  
Folgaram rudes biribis  
Em devaneios de amor...  
Tinha fruto este arvoredor,  
Relva e flores o varzedo,  
Muitos perfumes a flor!

Dos sertanejos indolentes  
As cantigas festivas,  
Já não ressoam contentes  
À sombra dos laranjais.  
Nem a viola inspirada,  
Tangida por mãos de fada,  
Por dedos de querubim,  
Suspira e rindo flutua,  
Bebendo orvalhos da Lua  
Ao sussurro do festim.

Meu Deus, as pobres cabanas  
Estão desertas... estão!  
Pelas tristes arribanes  
Nem percorre a viração,  
E o campanário da ermida  
Ergue a prece dolorida  
Da tarde ao morto rolar...  
Semelha ao canto de agouro,  
De um mundo que nada em ouro,  
Ouvindo o pobre chorar!

Em torno ao templo, onde a endeixa  
Duma oração se agasalha,  
Prosta-se o povo que deixa  
Os seus albergues de palha...  
Belas, formosas crianças,  
Secudindo as negras tranças  
Sobre as espáduas sem véu,  
Nas bocas negras de fome  
Bendizem de Cristo o nome,  
Erguendo as mãos para o céu.

As mães, transidas de susto,  
Apertam os frutos do amor,  
Bem como as frondes do arbusto  
Aos ninhos do beija-flor...  
E da face macilenta  
Quando a lágrima rebenta,  
Banhando as pedras do altar,  
Mais uma estrela divina  
Rola na etérea cortina,  
E vai perder-se no mar.

Do martírio quando a palma  
Vamos medrosos colher,  
A oração nos salta d'alma  
E o lábio fica a tremer!  
O misticismo é conforto.  
Ante o quadro do Deus morto  
A criança rebenta a rir;  
Fogo — de A lâmpada etérea,  
— Bafo que apaga a miséria,  
Chispa que rasga o porvir.

Mas ah! morrer sem conforto,  
Pisando tesouros mil,  
Ter por suddários de morto  
Um céu de esplêndido anil!  
Mas ceder aos cataclismos,  
E ter por cova os abismos  
Onde dorme o Badaró!  
Onde por sina aos — gigantes —  
Os vermes — são diamantes,  
À podridão — ouro em pó!

Mas morre-se, como morre  
No Saara o viajor,  
Quando uma aragem não corre,  
Onde não brota uma flor!  
Morre-se como o precito,  
Mordendo os lábios, aflito  
Manchados de negro fel...  
Mas cair-se de agonia,  
Quando a pétris tripudia  
Rojando a frente ao bordel!...

Brasil! Cuspiu-te na face  
Grande, excelsa meretriz!  
Abutre negro, rapace,  
Bebe-te o sangue, infeliz!  
Que importa as tribos guerreiras  
Numas matas altaneiras,  
Desfraldem verde pendão?  
Restos das glórias passadas,  
Levam nas setas eivadas  
A baba da escravidão!

Brasil! socorre os teus filhos,  
Os esteios do porvir.  
Da morte sobre os ladrilhos  
Oh! não os deixes cair!  
Tu que delirante espalhas  
As mãos cheias as — migalhas —  
Desse banquete de dor,  
Atira ao pobre que sofre  
As chaves desse teu cofre  
De — caridade — e de amor.

Esmola! paz! felicidade!  
Ao desgraçado que chora...  
Ceda e densa escuridade  
Aos resplendores d'aurora.  
Luz aos pobres sertanejos,  
— Troquem-se as dores em beijos,  
Do luto arranque-se o véu...  
Irmãos, o preto é devido:  
Quem socorre ao desvalido  
Sobe um degrau para o céu."

Não podemos furtar-nos de citar algumas estrofes de literatura de cordel, tão do sabor e do uso do Nordeste. Refiro-me à "A seca e os horrores do Norte", de autoria de José Bernardo da Silva (publicado pela Escola de Comunicações e Artes, da USP, 1972).

"Oh! Virgem da Piedade  
tende dó e compaixão  
dos vossos filhos que choram  
a falta de água e pão  
como mãe mandei a nós  
tua santa proteção.

Nos sertões pernambucanos  
de Caruaru a Salgueiro  
seja Norte, Sul ou Leste  
o sol é qual um brasileiro  
queima as árvores, seca os angus  
fede a fogo o taboleiro".

E assim terminamos, com mais esta estrofe que fala diretamente do flagelo:

"Olhai a grande miséria  
desses pobres flagelados  
que procuram trabalhar  
como cidadãos honrados  
abri serviços precisos  
para que sejam empregados."

Os poetas vibram nas cadências dos versos e nas filigranas da linguagem metafórica, os prosadores são mais frios, mais racionais, apesar de terem a intuição e a sensibilidade que distinguem

os artistas. Percebe-se nas páginas de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ou nos parágrafos de Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, ou nos capítulos de *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, a forma indômita e fatal do determinismo no meio ambiente que faz sucumbir o homem e arrasa a natureza inteira.

É curioso ver alguns trechos do "Depoimento sobre 'O Quinze' de Raquel de Queiroz" (publicado na Revista *Letras de Hoje*, nº 69, set/87), texto redigido em dezembro de 1977, por ocasião de um Seminário de Crítica realizado na PUCRS. Assim Raquel se exprime:

"Via que o meu caminho tinha de ser mesmo a literatura da seca, embora já trilhado por tantos — Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo, entre muitos; inclusive cantada por Guerra Junqueiro — poema de que meu pai repetia sempre uns versos, onde se falava que o retirante 'Pedia esmoia/Na mesma língua em que a pediu Camões'. Mas eu queria que a minha seca, — menos formalmente trágica — sem tantos cadáveres, tantos esqueletos, tantos urubus, como era o tom realista, até então" (*Letras de Hoje*, nº 69, 1987, p.36).

Sobre *Vidas Secas*, de Graciliano, que ora se está celebrando o cinquentenário de publicação, em poucas palavras, Pedro Américo Maia assim caracteriza a obra:

"O drama de 'Vidas Secas' é o entrosamento da dor humana na tortura da paisagem. Nesta obra, Graciliano é o escritor por excelência da terra estorricada. As vidas dos personagens são secas como a terra que os determina à fuga, à miséria e à fome" (*O moderno romance brasileiro*. Belo Horizonte, Gente Nova, s.d., p.124).

O flagelo humano da seca está presente em todos os povos, principalmente nos povos do Nordeste brasileiro, que ciclicamente vêm recebendo a fatalidade abrasadora.

Após tantos anos e tantas misérias, convém arregimentar forças e energias para achar uma solução na ciência e na tecnologia e, mais do que isso, buscar a energia e a coragem que a prática das virtudes de honestidade, de solidariedade podem dar ao homem para solucionar o grande flagelo da seca.

## BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA SAGRADA. 3. ed., São Paulo, Edições Paulinas, 1969.  
COELHO, Jorge. *As secas do Nordeste e a indústria das secas*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.  
COSTA, Francisco Lobo da. *Auras do Sul*. 3. ed., Rio Grande, Livraria Pinto, 1914.  
MAIA, Pedro Américo S. J. *O moderno romance brasileiro*. Belo Horizonte, Grupo Gente Nova, s.d.  
MOLION, Luiz Carlos Baldicero. *Secas*, in *Ciência Hoje*, v. 3, nº 18, maio/junho 1985.  
JUNQUEIRO, Abílio Guerra. *A muse em férias*. 2. ed., Lisboa, 1985.  
QUEIROZ, Rachel de. *Depoimento sobre O Quinze*. In: *Letras de Hoje*. Nº 69, Porto Alegre, setembro, 1987.  
RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 47. ed., Rio de Janeiro, Ed. Record, 1980.  
SANTOS, Rubens Rodrigues dos, & NUNES, Gilvanda Silve. *Nordesta, o desenvolvimento do homem rural*. Bahia, Ed. Nobel, 1986.